

Pastagens impulsionam a pecuária de leite no Brasil

O uso de forrageiras de qualidade e de elevado potencial produtivo, associado às técnicas apuradas de manejo, tem promovido ganhos crescentes na produtividade por animal e por área.

Antônio Vander Pereira, Carlos Augusto de Miranda Gomide, Domingos Sávio Campos Paciullo e Juarez Campolina Machado

O Brasil, além de ampla extensão territorial, é um país tropical com clima favorável ao crescimento de gramíneas e leguminosas forrageiras na maior parte do ano. É fator positivo também para a exploração de pastagens no país a expertise adquirida pela pesquisa e extensão rural, que tem possibilitado avanços significativos baseados tanto no lançamento de novas cultivares e resultado de programas de melhoramento genético como no refinamento das técnicas de cultivo e manejo dos pastos.

Assim, a importância das pastagens no Brasil pode ser analisada sob dois aspectos. Primeiro, o econômico, baseado na predominância de sua utilização como base alimentar da pecuária, o que tem se traduzido em uma importante vantagem competitiva em relações a outros países, proporcionando menor custo de produção em comparação aos sistemas confinados. Segundo, o aspecto

ambiental, ligado à grande extensão das áreas de pastagens e à enorme capacidade de fixação de carbono atmosférico. Quando bem manejadas, as pastagens podem contribuir significativamente para a neutralização de gases de efeito estufa.

Além disso, as pastagens têm possibilitado a expansão de cultivos como milho, soja e cana-de-açúcar, dentre outros, por meio do uso de sistemas de produção integrados e pelo aumento de produtividade das forrageiras. O cultivo de cultivares melhoradas tem promovido a intensificação da produção e contribuído para evitar a abertura de novas fronteiras agrícolas, reduzindo assim a pressão sobre matas e florestas nativas. Por outro lado, a degradação de pastagens continua sendo um sério problema ambiental, que pode ser revertido com a adoção de técnicas de manejo já disponíveis e com o apoio de políticas públicas.

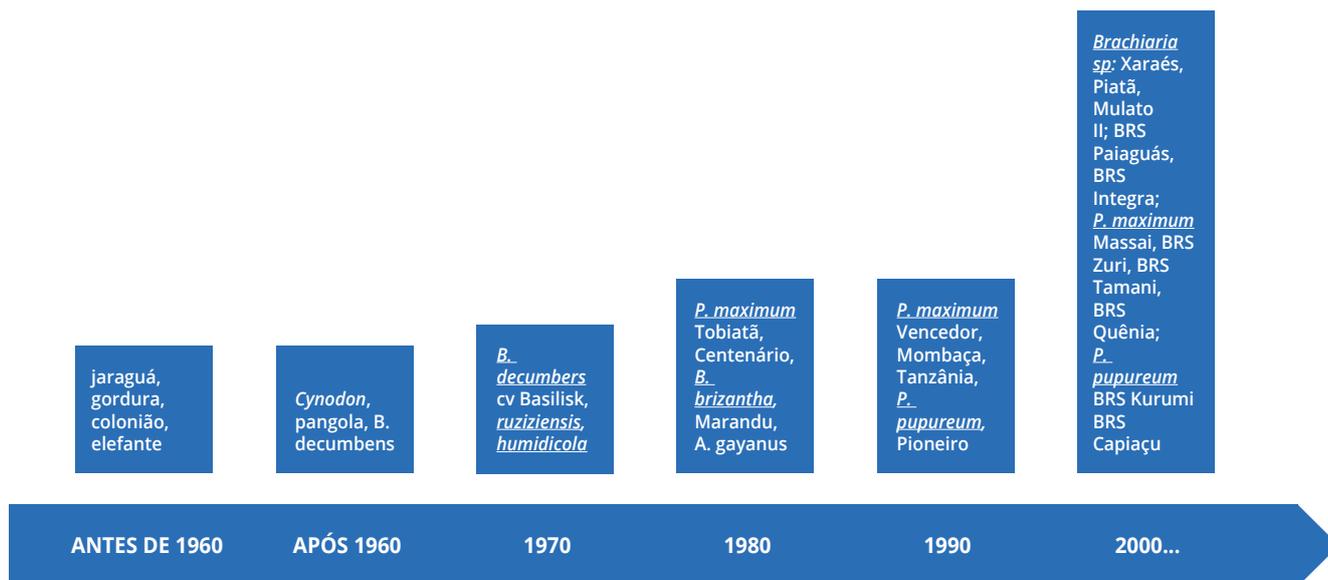
Apesar da redução das áreas de pastagens,



O cultivo de forrageiras melhoradas tem possibilitado a intensificação da produção pecuária

Foto: Embrapa Gado de Leite

EVOLUÇÃO DA OFERTA DE NOVAS CULTIVARES DE GRAMÍNEAS FORRAGEIRAS NO BRASIL



Fonte: Embrapa Gado de Leite

notadamente de pastagens nativas, observada nas últimas décadas, houve crescimento da produção pecuária. Entre 2000 e 2020, a produção anual de leite no Brasil aumentou de 20 bilhões para 35 bilhões de litros, salto de quase 80% no período. No Censo Agropecuário de 1996, as forrageiras cultivadas representavam 56% da área total de pastagens, enquanto em 2017 esse percentual aumentou para 71%. Esse período coincide com aumento no número de cultivares de gramíneas forrageiras disponibilizadas pela pesquisa (figura 1), como também pelo grande avanço das técnicas de manejo, a partir de maior intensificação da produção.

Convém destacar que até a década de 1980, os sistemas pecuários no Brasil eram predominantemente extensivos e tinham como base o uso de pastagens de gramíneas pouco produtivas e de baixo valor nutricional, o que resultava em baixas taxas de lotação e de desempenho animal (ganho de peso e produção de leite) e, conseqüentemente, de produtividade. Os ganhos produtivos eram obtidos pela extensão das áreas de pastagens destinadas à alimentação dos animais.

O aumento do custo da terra, dos insumos e de mão de obra, além da pressão ambiental que limita a abertura de novas áreas agrícolas, tem exigido cada vez mais o uso de estratégias que contribuam para aumentos de produtividade e lucratividade. Dentre estas estratégias destaca-se o uso de cultivares forrageiras mais produtivas e de melhor valor nutritivo, além da intensificação do manejo de pastagens. O manejo intensivo de pastagens

preconiza o aumento da produção animal e por área, buscando elevar a rentabilidade do produtor. Essa mudança de paradigma tem propiciado a produtores de leite e de carne ganhos de produtividade, rentabilidade e melhoria na qualidade de vida.

FORRAGEIRAS PARA SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE LEITE A PASTO

As gramíneas mais representativas nos sistemas de produção são as pertencentes aos gêneros *Brachiaria* e *Panicum*, espécies que ocupam a maioria das pastagens. Na safra 2019-2020, representavam 98% das sementes forrageiras comercializadas. No gênero *Brachiaria*, a cultivar Marandu (*B. brizantha*), lançada em 1984, tem papel de destaque nos sistemas de produção animal a pasto, sendo hoje a principal forrageira cultivada no país. Características como alta produção de forragem, fácil multiplicação por sementes, rápido estabelecimento, boa cobertura do solo, alta capacidade para competir com plantas invasoras e alta flexibilidade para o manejo, suportando tanto o pastejo contínuo como o rotacionado, fazem dessa cultivar uma excelente opção para produção de leite sob pastejo.

Outras cultivares lançadas posteriormente significam alternativas de diversificação, com destaque para as cultivares Xaraés, de elevado potencial produtivo, BRS Piatã, com boas características nutricionais, e a BRS Paiaguás, que tem como principal vantagem em relação às demais a maior tolerância à seca. Além deste aspecto, apresenta-se como opção de uso por período mais

prolongado durante a fase de transição chuvas/seca, impactando na redução de custos com alimentos conservados.

Também o gênero *Panicum* apresentou demanda expressiva nas últimas décadas, desde o lançamento das cultivares Tanzânia e Mombaça, especialmente em sistemas de produção de leite mais intensivos. Contudo, a cultivar Tanzânia é suscetível à doença da mancha foliar, causada pelo fungo *Bipolaris maydis*, o que tem provocado maior preferência pela cultivar Mombaça. A cultivar BRS Zuri, lançada em 2014, tem ganhado espaço nos sistemas de produção intensivos, pela qualidade e produtividade.

A mais nova cultivar lançada, BRS Quênia, se destaca pelo alto potencial produtivo, além de apresentar menor alongamento de colmos, o que facilita o manejo, quando comparada às outras forrageiras do gênero *Panicum*. Todas essas cultivares requerem manejo cuidadoso em relação às alturas de entrada e saída no pastejo rotacionado e bastante atenção com a reposição de nutrientes ao solo, via adubação química, tendo em vista a alta exigência nutricional das plantas.

As gramíneas da espécie *Pennisetum purpureum*, conhecidas popularmente como capim-elefante, estão presentes na maioria das propriedades, sendo as cultivares Napier e Cameroon as pioneiras em sistemas de produção de leite. Essa forrageira apresenta grande importância para suplementação volumosa, tanto na forma de verde picado como na forma de silagem. O uso do capim-elefante para o pastejo direto teve início na década de 1980.

Duas cultivares, lançadas recentemente pela Embrapa, têm se destacado como opções forrageiras para corte e pastejo, o que tem motivado a adoção por muitos produtores. A cultivar BRS Capiacu apresenta elevado potencial produtivo, sendo recomendada para formação de capineira para corte e fornecimento como verde picado ou para produção de silagem. Essa cultivar apresenta como vantagens a alta produtividade (50 t/ha/ano) de matéria seca e o baixo custo da silagem. A outra é a cultivar BRS Kurumi, de porte baixo, o que facilita o manejo da pastagem, sendo recomendada para uso no sistema de lotação rotacionada. Além disso, essa cultivar se destaca pelo excelente valor nutritivo, sendo indicada inclusive para vacas em lactação.

Forrageiras do gênero *Cynodon* têm sido im-

portantes na alimentação de bovinos de leite visando a intensificação da produção. Essas forrageiras são caracterizadas pela alta produtividade e o excelente valor nutritivo, entretanto são exigentes quanto à fertilidade do solo e precisam ser bem manejadas. As principais cultivares deste gênero são: Florona, Florarkirk, Coast-Cross, Tifton 68, Tifton 85 e BRS Lua (grama estrela roxa). Pelas suas características, as cultivares deste gênero são consideradas boas alternativas para vacas leiteiras.

DISPONIBILIDADE DE CULTIVARES PARA DIFERENTES REGIÕES E BIOMAS DO PAÍS

A atividade pecuária nacional movimenta R\$ 400 bilhões por ano, 30% do agronegócio brasileiro e emprega 20 milhões de pessoas em toda a cadeia. O Brasil possui 218 milhões de cabeças de bovinos e cerca de 160 milhões de ha de pastagens, dos quais mais de 100 milhões de ha são de pastagens cultivadas. Ainda, observa-se um crescente aumento da área de pastagens cultivadas em contraposição à redução da área de pastagens nativas. Este fenômeno indica aumento da busca por intensificação da produção por meio da adoção de cultivares forrageiras com maior potencial de produção e melhor qualidade em relação às variedades tradicionais.

O desenvolvimento de cultivares forrageiras tem sido o principal vetor das tecnologias geradoras de impacto na pecuária nacional. Desde a década de 1970, o trabalho de pesquisa em melhoramento genético de forrageiras tem continuamente disponibilizado novas cultivares para os diferentes sistemas de produção e adaptadas às mais diversas regiões e biomas do país. As cultivares melhoradas constituem a tecnologia de menor custo, menor risco e maior impacto sobre os sistemas de produção animal, sendo acessível à maioria dos produtores.

O programa de melhoramento de forrageiras desenvolvido pela Embrapa é um dos mais bem sucedidos em todo o mundo. As cultivares lançadas pela empresa predominam nas pastagens brasileiras e estão presentes na maioria dos países tropicais. Para o futuro, os programas de melhoramento de forrageiras continuarão desenvolvendo cultivares inovadoras, voltadas para sistemas de produção específicos e ambientes sujeitos a estresse ambiental, bem como adaptadas aos efeitos das mudanças climáticas.